

A participação feminina na produção científica brasileira sobre HIV/aids, 1983-2007

Claudete Gomes dos Santos¹

Introdução

Em junho de 1981, dois artigos publicados no *Morbidity and Mortality Weekly Reports* (MMWR), periódico de divulgação do *Centers of Diseases Control and Prevention* (CDC), órgão governamental dos Estados Unidos responsável pela vigilância epidemiológica no país, reportavam a ocorrência de uma misteriosa patologia acometendo jovens homossexuais masculinos em Los Angeles. Era a primeira menção ao que posteriormente seria conhecido como *Acquired Immuno-deficiency Syndrome* (AIDS).

Desde então, o número de casos registrados de aids só fez aumentar em todo o mundo, a doença se expandindo para além da população homossexual. Em menos de uma década, tornou-se um dos mais graves problemas de saúde pública enfrentados pelos diversos países, um dos "... mais impiedosos golpes (...) contra a humanidade do século XX" (LE PARGNEUR, 1987, p. 141).

Dadas a gravidade e a magnitude da doença, desde o início a comunidade científica internacional se mobilizou em busca de melhor conhecimento e de uma terapia eficaz, e, por a aids envolver aspectos complexos do ser humano, principalmente questões vinculadas à sexualidade, em pouco tempo passou de tema quase que exclusivamente restrito à área médica a objeto de estudo das demais ciências - Biológicas, Sociais e Humanas - nos seus diversos campos (ROSENTHAL, 2001, p. 7).

No Brasil, a produção científica, no geral, vem crescendo, tanto quantitativa como qualitativamente (AMORIM, 2007), e a aids tem desempenhado um papel muito importante neste crescimento, incitando pesquisadores a estudarem o assunto.

Bastos e Coutinho (1999) realizaram um levantamento da produção científica em HIV/aids, no período 1983-1997, visando mostrar, em linhas gerais, a resposta da ciência brasileira às questões suscitadas pela epidemia no país. O acesso às publicações se deu através dos bancos de dados Medline e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), dos CD-Roms anuais de aids, além da biblioteca pessoal de um dos autores. A pesquisa resultou em 428 trabalhos: 196 artigos em revistas nacionais, 95 em revistas internacionais, 125 capítulos de livros e 12 livros. Para os autores, a aids

possibilitou à ciência brasileira uma maior interlocução com o Estado, além de conseguir mais diálogo e financiamentos das agências internacionais. Além disso, o trabalho cooperativo entre pesquisadores nacionais e estrangeiros fez com que a produção nacional sobre o tema se avolumasse.

Bastos e Malta (2002) atualizaram e aprofundaram em alguns pontos o trabalho sobre o mesmo tema (BASTOS e COUTINHO, 1999). A análise da produção se ateve às transformações qualitativas da comunidade científica brasileira e sua produção na área de HIV/Aids, no triênio 1997-2000. Os autores concluem que houve um aumento expressivo da produção no período, com as pesquisas apresentando um vigor e um impacto, tanto nacional como internacional, pouco habituais na ciência brasileira.

Alves e Souza *et al* (2002) tiveram como objetivo analisar quantitativamente as pesquisas sobre HIV/aids realizadas por enfermeiros e divulgadas em dois periódicos nacionais. A análise se centrou nas temáticas investigadas e nos enfoques teórico-metodológicos utilizados. Foram analisados 29 artigos, a maioria deles versando sobre conhecimento sobre a doença e as experiências vividas pelos portadores ou doentes.

Laurindo da Silva e Santos (2003), em pesquisa demandada pela Coordenação Nacional de DST/aids, procederam a um balanço crítico e reflexivo dos estudos produzidos na área de Ciências Sociais entre 1996 e 2001, objetivando verificar como a introdução dos antiretrovirais e dos inibidores de protease no Brasil, a partir de 1996, se refletiu nos estudos produzidos a partir de então. Foram analisados 54 documentos: 31 artigos, 8 livros, 5 relatórios de pesquisa, 4 dissertações, 3 teses e 3 capítulos de livros. Os resultados mostraram que foram poucos os estudos que abordaram a questão do tratamento.

O trabalho de Santos (2004) objetivou caracterizar quantitativamente a produção científica nacional veiculada sob a forma de artigos em revistas brasileiras. A participação feminina, tanto como produtora de conhecimento como sujeito de pesquisa, mereceu atenção especial. Foram analisados 185 artigos, 15,5% dos referenciados na base de dados LILACS, entre 1983 e setembro de 2002. Os resultados apontaram que as mulheres, enquanto autoras, tiveram uma participação expressiva, ficando menos de 1% abaixo dos homens, um indicativo de que elas estão cada vez mais se firmando na carreira científica. A

¹ Historiadora, Mestre em Ciências, Educadora de Saúde Pública do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: cgsantos@isaude.sp.gov.br

concentração regional das pesquisas, quase que exclusivamente domiciliada na região Sudeste, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, foi outra constatação, também apontada por outros estudos (BASTOS e COUTINHO, 1999; ALVES e SOUZA *et al.*, 2002; ARAÚJO *et al.*, 2006). A análise empreendida no trabalho permitiu admitir que as pesquisas em HIV/aids no Brasil se igualam às desenvolvidas no meio científico internacional.

Por fim, Araújo *et al.* (2006) avaliaram as pesquisas sobre HIV/aids publicadas em 6 periódicos nacionais, no período de 1998 a 2005, cujos autores, ou um deles, fossem enfermeiros. Foram analisados 40 artigos, a maioria versando sobre a vivência e convivência dos portadores de HIV/aids. As autoras concluem que é necessário expandir a abrangência das pesquisas, para atender as exigências da área.

Em todos os trabalhos acima mencionados, os artigos se destacaram quantitativamente sobre os demais meios de divulgação. À exceção de um (SANTOS, 2004), os estudos não contemplaram, na análise da produção, o sexo dos autores, e é a isto que o presente trabalho se propõe. Levando em conta que "... mulheres e homens têm trajetórias diferenciadas e que é necessário conhecer os dados por sexo das situações analisadas para compreender o papel de cada um no mundo científico e tecnológico" (MELO e OLIVEIRA, 2006, p.304), este artigo objetiva analisar a produção científica nacional sobre HIV/Aids, referenciada na base de dados LILACS sob a forma de artigos publicados em revistas brasileiras, tendo como foco o gênero.

No Brasil, até fins do século XIX, as mulheres não tinham acesso à universidade (FERREIRA e NASCIMENTO, 1994), mas a situação foi mudando ao longo dos anos, particularmente a partir dos anos 60 do século XX, com a emergência dos movimentos feministas, os grandes responsáveis pela inclusão, no debate social, da desigualdade entre os gêneros (FERREIRA e NASCIMENTO, 1994). Nos anos 70 iniciou-se uma crescente afluência de mulheres às universidades (RAGO, 1998: 92), com o conseqüente aumento das que se dedicam às atividades científicas, buscando cada vez mais se aperfeiçoar, visando "... participar soberanamente, e não de forma subordinada, dos grupos de pesquisa nacionais" (MELO e OLIVEIRA, 2006, p.305).

Do método

Procedeu-se a uma consulta na base de dados LILACS, disponibilizada pela Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Saúde (BIREME), utilizando-se os campos **descriptor de assunto** (Aids/HIV/HIV-1/HIV-2) e **pais/ano** de Publicação (Brasil/1987-2007). O foco do trabalho foram os artigos publicados em revistas científicas nacionais, de autores brasileiros, e, como o objetivo foi mensurar a produção dos pesquisadores por sexo, foram excluídos os artigos assinados por entidades coletivas (Ministério da Saúde, Comitês, entre outros) e por autores estrangeiros, cujos trabalhos foram desenvolvidos em seus países de origem. O mesmo foi feito com artigos cuja autoria constava como anônima. A consulta se deu entre outubro e dezembro de 2007, o último acesso em 28 de

dezembro. Os dois primeiros artigos foram publicados em 1983.

De posse do material, e tomando como referência classificatória os trabalhos de Bastos e Coutinho (1999) e Bastos e Malta (2002), os artigos foram separados por áreas temáticas: ciência básica, área clínica, área epidemiológica e Ciências Sociais e do comportamento. Este procedimento permitiu que fossem identificadas as duplicações, considerando-se apenas um artigo. Ao final, foram computados 2116 artigos, publicados em 237 revistas científicas.

Para a discriminação por sexo, primeiro foi feita uma listagem, por ordem alfabética e para cada área temática, dos autores cujas referências constavam nome e sobrenome. Em alguns casos, mesmo só com as iniciais e o sobrenome, foi possível a inclusão na listagem, visto serem pesquisadores famosos, nacional e internacionalmente reconhecidos.

Quanto aos demais, recorreu-se inicialmente à Plataforma Lattes, disponibilizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no *site* <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/index.jsp>, a consulta sendo realizada por nome e por assunto. O procedimento resultou satisfatório mas, em que pese a Plataforma conter atualmente mais de um milhão de currículos cadastrados, verificou-se que muitos pesquisadores, até mesmo alguns reconhecidos no cenário científico nacional, não possuem o Currículo Lattes. Ao mesmo tempo em que se identificava o sexo dos autores, levantou-se a titulação, vinculação institucional e procedência geográfica, isto para os primeiros autores.

Utilizou-se também o site de busca *Google*, no endereço eletrônico <http://google.com.br>, para tentar solucionar os casos indefinidos. A pesquisa permitiu a identificação de alguns autores que, sem estarem cadastrados no Lattes, constavam em sites de universidades, entidades coletivas, organizações não governamentais, etc. Esgotadas todas as possibilidades de identificar o sexo dos autores, os casos não resolvidos foram classificados como "ignorados".

Para eliminar a duplicidade de contagem dos autores e co-autores, dada a sua multiplicidade entre as várias publicações e ocupando posições diferentes nos créditos, mensurou-se quantas vezes eles apareceram, computando-se apenas uma participação. O mesmo foi feito para os classificados como "ignorados".

Em que pesem suas limitações, mormente a utilização de só uma base de dados e de apenas quatro descritores, entre os diversos existentes no tocante ao HIV/Aids, e da análise ter se centrado apenas nos artigos publicados em periódicos, em detrimento dos outros tipos de publicações, acredita-se que a metodologia utilizada se mostrou eficiente na consecução do objetivo proposto de mensurar a produção científica feminina no campo do HIV/aids.

Inicialmente, apresentar-se-á um quadro geral da produção e dos autores e co-autores, segundo sexo e área temática, e as revistas onde a produção foi veiculada, e a seguir os dados referentes apenas aos primeiros autores, considerados segundo sexo, titulação, vinculação institucional e procedência geográfica.

A produção

No período em estudo, foram computados 2116 artigos e 7660 autores, incluídos os "ignorados" e sem o desconto das multiplicidades de participação. O número de autores, por artigo, variou de 1 a 22, com média de 3,6. Entre as mulheres, 626 participaram de mais de um artigo, variando de 2 a 31 participações. Já entre os homens, 580, com variação de 2 a 32 participações.

Dos primeiros 13 anos para os últimos 12, houve um aumento expressivo da produção, em termos percentuais, da ordem de 119,1%. Pode-se afirmar que esse aumento foi decorrente do grande avanço tecnológico que marcou o período, em nível mundial, com a descoberta de novos elementos que permitiram entender melhor a infecção pelo HIV, propiciando o desenvolvimento de medicamentos mais poderosos no combate à doença (BASTOS e COUTINHO, 1999).

Com relação às áreas temáticas, a área clínica ocupava a primeira posição entre 1985 e 1995, 46,7% da produção, caindo para 28,3%, de 1996 a 2007. Essa queda também foi observada na área básica, que passou de 22% para 16,3%. Por sua vez, a área epidemiológica e as Ciências Sociais e Humanas, que detinham 16,8% e 14,3%, respectivamente, da produção no primeiro período, tiveram um aumento da ordem de 5,4% e 18,2%: a área epidemiológica passando para 22,3% e as Ciências Sociais e Humanas para 32,5%, esta ocupando a primeira posição. Essa mudança muito provavelmente se deve ao fato de que as Ciências Humanas "... continuam a desbravar as cenas de um país em que a diversidade quase infinita de contextos sócio-culturais oferece desafios permanentes aos estudiosos das singularidades" (BASTOS e COUTINHO, 1999, p.350). Em termos de taxa de crescimento, as quatro áreas tiveram um desempenho bastante próximo, em torno de 1% ao ano.

Descontada a multiplicidade de participações, o número real de autores foi 4724, incluindo os "ignorados", a participação feminina representando mais da metade do total de autores e co-autores, (2494/52, 8%), confirmando que as mulheres se fazem cada vez mais presentes nas atividades científicas. As áreas básicas, clínica e epidemiológica concentraram 81,2% da taxa de participação, mulheres e homens apresentando o mesmo percentual, 40%. A área clínica se destacou sobre as demais, com um percentual de 37,7%, sendo a única onde a participação masculina superou a feminina, 21% e 16,4%, respectivamente.

Quanto às revistas científicas, os artigos indexados no LILACS foram publicados em 237 periódicos, 27 deles (11,4%) concentrando mais da metade das publicações (57,7%). A distribuição geográfica dos periódicos se mostrou bastante desigual, a região Sudeste concentrando quase a totalidade deles, São Paulo (12) e Rio de Janeiro (9) registrando o maior número, confirmando o predomínio desses dois estados no cenário científico nacional.

Os Autores: vínculo institucional, titulação e procedência geográfica

Os dados são referentes apenas aos primeiros autores. Foram computados 2116 artigos, como já mencionado, e 1481 autores, incluídos os "ignorados". Quase 78% dos autores assinaram só um artigo, as mulheres com um percentual de 3,78% acima dos homens, resultado que se repete no total, a participação feminina fica 3,85% à frente da masculina. Embora a diferença não seja tão grande, tal resultado vem mais uma vez confirmar a disposição das mulheres em se firmarem na carreira científica.

Na distribuição dos autores por sexo, titulação e vínculo institucional, sem a inclusão dos "ignorados", observa-se, como constatado também em outros trabalhos (BASTOS e COUTINHO, 1999; SANTOS, 2004; MELO e OLIVEIRA, 2006), que mais da metade dos autores são vinculados a Instituições de Ensino Superior (IES) públicas (836/56,60%), secundados pelos pertencentes às IES privadas (144/9,75%) e aos institutos de pesquisa públicos (112/7,58%). Juntas, essas três instituições respondem por quase 74% dos autores. Tal qual na definição do sexo, em muitos casos também não foi possível determinar a titulação (158/10, 69%) e o vínculo institucional (143/9, 68%) dos autores, seja pelos artigos não mencionarem tais dados, seja por não haver, na Plataforma Lattes, registro sobre esses autores.

Bastos e Coutinho (1999), ao observarem tendência igual em seu trabalho, compararam-na com o observado nas conferências internacionais de Aids, em que a participação de autores de outras instituições, como ONGs, Secretarias de Saúde (estaduais e municipais), e mesmo da Coordenação Nacional de DST/Aids, tem se mostrado expressiva. Para os autores, "é possível estabelecer a hipótese de que apenas as instituições com tradição de pesquisa acadêmica conseguem cumprir as exigências que se interpõem entre a apresentação dos resumos a congressos e a publicação completa dos trabalhos" (p.352-3). Conclui-se, então, que o Estado, representado pelas IES e instituições de pesquisa públicas, é um dos grandes responsáveis pelo avanço e divulgação da ciência e tecnologia no país (MELO e OLIVEIRA, 2006).

No tocante à titulação, os doutores corresponderam a 39,26% do total, as mulheres com ligeira vantagem sobre os homens, 0,54%. A situação se acentua quanto aos mestres, onde elas, em termos numéricos, sobrepuseram-nos em mais da metade, o que, em termos percentuais, representa 8,33%. Tais resultados demonstram que as mulheres, que a partir dos anos 70 do século XX "invadiram" as universidades, souberam aproveitar "... a expansão da pós-graduação brasileira nos últimos vinte anos" (MELO e OLIVEIRA, 2006, p.318). Também se pode inferir, com base nos resultados, que o número de mulheres cientistas poderá se alterar em futuro próximo, com tendência mesmo a superar a participação masculina, como já ocorre nos cursos de graduação.

Mais da metade dos autores (65,18%) está concentrada na região Sudeste, a maioria vinculada a instituições localizadas

no eixo São Paulo/Rio de Janeiro (546/36, 96% em São Paulo e 308/20, 85% no Rio de Janeiro), esses dados representando, grosso modo, a concentração regional da pesquisa brasileira, no seu conjunto (BASTOS e COUTINHO, 1999)

A destacada participação de São Paulo se deve, talvez, "... aos incentivos à produção acadêmica existente no estado (...), consubstanciados no sistema estadual de universidades públicas e na agência de pesquisa do estado (FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo" (NARVAI, 1997, p.55). Deve-se ressaltar também que São Paulo foi o primeiro estado da Federação a criar oficialmente um programa de Aids, em 1983 (MORENO, 2001), tendo iniciado as pesquisas sobre a doença praticamente logo após o seu surgimento no mundo.

Em relação ao Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz tem um peso significativo sobre a produção científica no estado, uma vez que grande parte dos autores é vinculada a esta instituição.

A região Norte, por sua vez, foi a mais carente, com 1,37% dos pesquisadores, resultado que vai ao encontro do levantamento apresentado pela Capes, com base nos dados de 2006, segundo o qual apenas 4% dos mestres e 2% dos doutores brasileiros atuam na região (AMORIM, 2007).

Considerações finais

A metodologia utilizada neste trabalho, em que pese a restrição decorrente da utilização de apenas uma base de dados, mostrou-se eficiente na consecução do objetivo proposto, mensurar a produção feminina na área do HIV/Aids. Em apenas 1,44% dos casos não foi possível determinar o sexo dos autores e co-autores, um resultado considerado bastante efetivo.

A partir de 1996 a produção científica sobre o tema HIV/Aids cresceu expressivamente, assim como a participação feminina nessa produção. Foi também a partir deste ano que aumentou o número de mulheres acometidas pela doença, o que leva a supor que tal fato tenha contribuído para o aumento de pesquisadoras voltadas ao tema.

A análise mostrou que a produção está concentrada na região Sudeste (65,18%), São Paulo liderando com 36,96%, Rio de Janeiro em segundo lugar, com 20,85%. Esta concentração também se faz presente em relação aos periódicos, onde, entre os que mais veicularam a produção, o primeiro e o segundo, DST- *Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Cadernos de Saúde Pública*, são do Rio de Janeiro, e o terceiro e o quarto, *Jornal Brasileiro de Aids e Revista de Saúde Pública*, são de São Paulo.

Outra constatação: mais da metade dos autores são vinculados a instituições de ensino superior públicas..

No quesito titulação, os Doutores representaram 39,26% do total, 37% deles concentrados nas universidades públicas. Vale dizer que não houve diferença significativa entre mulheres e homens no tocante a este quesito.

O trabalho mostrou que a inserção feminina na carreira científica é incontestável e irreversível, uma indicação de que num

futuro muito próximo tal participação se iguale à masculina ou até mesmo a supere, uma vez que, ao contrário do que ainda pensam alguns, o fazer ciência independe de se ser homem ou mulher. O que se precisa é ter competência e talento para tal.

Referências Bibliográficas

- ALVES E SOUZA, A.M. *et al.* Produção do Conhecimento em HIV/Aids: Análise de Pesquisas Publicadas em dois Periódicos Científicos de Enfermagem. *Jornal Brasileiro de Aids*, São Paulo, v.3, n.4, p.11-16, out./nov./dez.2002.
- AMORIM, C. Produção científica do País cresce e melhora. *O Estado de S. Paulo*, 10.7.2007, p. A16.
- ARAÚJO, M.A.L.; ARAÚJO, T.L.; DAMASCENO, M.M.C. Conhecimento em HIV/aids de 1998 a 2005: Estudos Publicados em Periódicos de Enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v.10, n.1, p.126-31, abr.2006.
- BASTOS, F.I.; COUTINHO, K. Tão longe, tão perto: as pesquisas sobre HIV/aids no Brasil. In: PARKER, R.; GALVÃO, J.; BESSA, M.S. (Org.). *Saúde, desenvolvimento e política: respostas frente à Aids no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 339-95.
- BASTOS, F.I.; MALTA, M. As pesquisas sobre HIV/aids no Brasil hoje: uma análise do triênio 1997-2000. In: PARKER, R; TERTO JÚNIOR, V. (Org.). *Aprimorando o debate: respostas sociais frente à aids*. Seminário: Pesquisa em DST/AIDS: determinantes sócio-demográficos e cenários futuros. Anais. Rio de Janeiro: ABIA, 2002. p. 9-46.
- FERREIRA, S.L.; NASCIMENTO, E.R. A Mulher como Tema nas Pesquisas de Saúde na UFBA. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v.7, n.1/2, p. 5-21, abr./out. 1994.
- LAURINDO DA SILVA, L.; SANTOS, C.G. *Síntese analítica dos dados sobre HIV/aids em Ciências Sociais: 1996-2001*. São Paulo: [s.n], 2003. (Relatório final de pesquisa).
- LE PARGNEUR, H. *O doente, a doença e a morte: implicações sócio-culturais da enfermidade*. Campinas: Papius, 1987.
- MELO, H.P.; OLIVEIRA, A.B. A produção científica brasileira no feminino. *Cadernos Pagu*, n.27, p.301-31, jul./dez. 2006.
- MORENO, D.M.F.C. *A saúde pública e a psicanálise: a produção do conhecimento no Brasil acerca da Aids*, 2001. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- NARVAI, P.C. *Produção científica na área de odontologia preventiva e social. Brasil, 1986-1993*, 1997. Tese (Doutorado). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- RAGO, M. Descobrir historicamente o gênero. In: BESSA, K.A.M. (Org.). *Trajetórias do gênero, masculinidades...* *Cadernos Pagu*, n.11, p.89-98, 1998.
- ROSENTHAL, C. (Org.). *AIDS e Ética Médica*. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2001.
- SANTOS, C.G. *Aids em revista(s): produção científica no Brasil, 1982-2002*, 2004. Dissertação (Mestrado). Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. São Paulo.